

do que os discursos passados permitiam. Elas são mais difíceis de controlar, menos obedientes e, assim, mais perturbadas e perturbadoras". Parece que as relações entre adultos e crianças estão em um período de fluxo e grandes distúrbios.

Outros observadores sugerem que as crianças hoje crescem tão rapidamente que o limite antes sólido entre adultos e crianças está se desvanecendo rapidamente, levando ao "desaparecimento" da infância nas sociedades desenvolvidas (Postman, 1995; Buckingham, 2000). Eles observam que mesmo crianças pequenas podem assistir aos mesmos programas de televisão que os adultos, tornando-se assim muito mais familiarizados com o mundo adulto desde cedo do que as gerações passadas. As crianças estão se tornando consumidores com muito menos idade e estão consumindo produtos adultos, como programas de televisão, telefones celulares e propagandas. Tudo isso pode significar que o período protegido da infância, que caracterizou os países desenvolvidos na maior parte do século XX, pode estar sendo destruído atualmente.

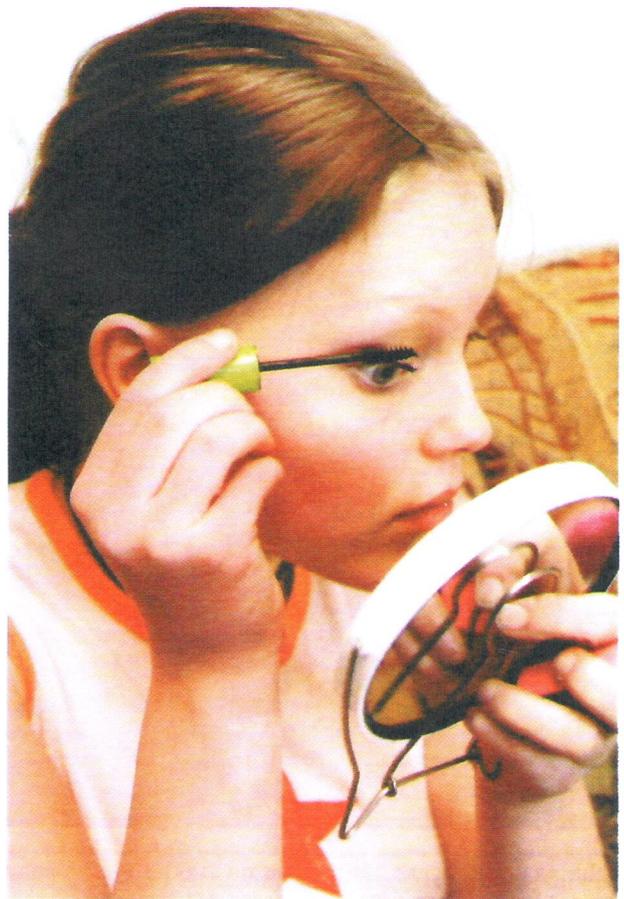
A cultura adolescente e jovem

A ideia do "adolescente", que nos é tão familiar hoje em dia, também não existia até pouco tempo atrás. As mudanças biológicas envolvidas na puberdade (o ponto em que uma pessoa se torna capaz de ter atividade sexual adulta e reproduzir) são universais. Ainda assim, em muitas culturas, elas não geram o grau de transtorno e incerteza encontrado muitas vezes entre jovens em sociedades modernas. Em culturas que promovem as classes etárias, por exemplo, com cerimônias distintos que indicam a transição da pessoa para a idade adulta, o processo de desenvolvimento psicossocial geralmente parece mais fácil de negociar. Os adolescentes nessas sociedades têm menos a "desaprender", pois o ritmo da mudança é mais lento. Existe uma época em que as crianças nas sociedades ocidentais não devem mais ser crianças: elas devem se livrar dos seus brinquedos e romper com interesses infantis. Em culturas tradicionais, onde as crianças já trabalham juntamente com os adultos, esse processo de desaprender normalmente é muito menos desagradável.

Nas sociedades ocidentais, os adolescentes não são nem um nem outro: eles tentam seguir os modos adultos, mas são tratados pela lei como crianças. Podem querer trabalhar, mas são obrigados a permanecer na escola. Os adolescentes no Ocidente vivem entre a infância e a idade adulta, crescendo em uma sociedade sujeita a mudanças constantes.

Relacionada com a ideia do adolescente, há a **cultura jovem**, um modo de vida geral associado a pessoas jovens, especialmente nos países desenvolvidos. Em muitas outras sociedades, do passado e do presente, o conceito de cultura jovem não existe nesse sentido, e as crianças avançam para a idade adulta muito antes, sem o estágio intermediário do "jovem".

Os sociólogos publicaram pela primeira vez a respeito da cultura jovem nas décadas de 1950 e 1960, quando adolescentes mais velhos que começavam a trabalhar se beneficiavam com a afluência do pós-guerra, usando seus rendimentos para comprar roupas da moda, discos de música popular e outros produtos nos mercados de consumo emergentes (Savage, 2007). Começava a tomar forma uma "cultura da juventude", a qual construiu novos mundos significativos, dos quais brotaram as espetaculares subculturas jovens de delinquentes, revoltados,



Nas sociedades ocidentais modernas, os adolescentes alternam entre a infância e a idade adulta.

roqueiros e *skinheads* e, mais adiante, *hippies*, *punks*, rastafáris, góticos e muitos outros. Em uma análise posterior, parece que os sociólogos dedicaram uma atenção desproporcional para as pequenas, mas altamente visíveis, subculturas – que tendiam a ser dominadas por homens – e pouco tempo para entender a maioria dos jovens e as maneiras em que eles buscam sentido em suas próprias vidas. Por exemplo, Angela McRobbie e Jenny Garber (1975) identificaram uma "cultura do quarto", comum, mas mais secreta, entre as garotas, que proporcionava que grupos de amigas participassem da cultura jovem, mas que foi praticamente ignorada na prensa para analisar as subculturas "desviantes" (masculinas) na esfera pública.

Steven Miles (2000) sugere que os conceitos de cultura jovem e subculturas jovens nos levaram a enxergar todos os jovens erroneamente como indivíduos essencialmente semelhantes, envolvidos em atividades contraculturais ou desviantes ou em desvantagens sociais singulares. De fato, o historiador Geoffrey Pearson (1983) encontrou subculturas jovens desviantes na Grã-Bretanha do século XIX, incluindo os *hooligans* originais, identificados por suas atitudes agressivas, capacetes pontudos, cachecóis, calças boca de sino e cabelo aparado com franja sobre a testa. Todavia, ele argumenta que, como todas as subculturas desviantes subsequentes, como os *mods* e os *rockers*, os *hooligans* foram criados, em parte, à medida que grupos sociais

mais tradicionais buscavam bodes expiatórios para culpar por seus próprios “temores respeitáveis” por problemas sociais. De forma clara, a cultura principal dos jovens não se encaixava – e ainda não se encaixa – nessas descrições desviantes.

» As subculturas jovens desviantes são discutidas no Capítulo 21, “Crime e desvio”.

Miles, ao contrário, propôs o conceito de *estilos de vida jovens*, que sugere uma diversidade de experiências dentro da juventude em voga e concentra-se na questão de “como... os jovens interagem e negociam os mundos sociais onde constroem suas vidas cotidianas?” (Miles, 2000, p. 2). Essa perspectiva nos lembra as experiências comuns e compartilhadas de jovens em um mundo em mudanças rápidas e as diferentes respostas que os jovens apresentam a ele.

A idade adulta jovem

Os sociólogos começaram a teorizar uma fase relativamente nova dentro do curso da vida nas sociedades desenvolvidas, que podemos chamar de **idade adulta jovem** (Goldscheider e Waite, 1991), embora o estudo sistemático desse estágio ainda não esteja tão desenvolvido quanto o da infância ou da velhice. A idade adulta jovem parece cada vez mais ser um estágio específico do desenvolvimento pessoal e sexual nas sociedades modernas, que foi descrito de várias maneiras: como pós-adolescência, adolescência tardia e assim por diante. Diz-se que ela caracteriza pessoas na faixa dos 20 anos e no começo da de 30, que vivem vidas relativamente independentes, mas que ainda não casaram ou tiveram filhos e, como consequência, ainda estão experimentando com seus relacionamentos e estilos de vida.

Todavia, não se acredita que esse estágio seja vivenciado da mesma forma por todas as classes sociais e grupos étnicos. É particularmente entre os grupos mais ricos que as pessoas no começo da faixa de 20 anos têm tempo para viajar e explorar interesses sexuais, políticos e religiosos (Heath e Cleaver, 2003). De fato, é provável que aumente a importância dessa postergação das responsabilidades da idade adulta plena, dado o longo período de educação que muitas pessoas hoje têm no mundo desenvolvido. Também é provável que esse estágio da vida se torne muito menos generificado, à medida que cada vez mais mulheres estudam na universidade e constroem carreiras em vez de caírem na vida familiar tradicional já com pouca idade. Podemos esperar que os especialistas que estudam o curso da vida façam mais pesquisas sobre esse estágio nos anos que virão.

A idade adulta madura

Conforme discutimos antes, o estudo sociológico da infância é um atraso à disciplina, principalmente porque a própria infância costuma ser vista apenas como um período transicional que conduz à idade adulta. Por outro lado, o estudo da idade adulta interessou aos sociólogos durante o século XX, e a maior parte da pesquisa sociológica em muitos campos variados simplesmente adotou a idade adulta como uma premissa inquestionável que fundamentava o seu trabalho. Por exemplo, o estudo das relações entre médicos e pacientes simplesmente

pressupunha médicos e pacientes adultos maduros, com pouca ou nenhuma consideração pelas experiências diferentes de crianças ou adultos jovens. Assim, grande parte deste livro lida principalmente com as experiências e vidas de adultos maduros, e podemos apenas fazer comentários gerais a respeito.

A maioria dos adultos jovens no mundo moderno atual pode esperar uma vida que dure até a velhice. Porém, em épocas pré-modernas, poucos podiam prever tal futuro com muita confiança – assim como os adultos jovens em partes pobres do mundo em desenvolvimento hoje em dia. A morte por doença ou ferimentos era muito mais frequente entre todas as faixas etárias do que é atualmente, e as mulheres, em particular, estão em maior risco, por causa da elevada taxa de mortalidade no parto.

Por outro lado, alguns dos problemas que as pessoas têm hoje em dia são menos acentuados do que em outros tempos. As pessoas geralmente mantinham uma conexão mais íntima com seus pais e outros parentes do que nas populações mais móveis de hoje, e as rotinas de trabalho que tinham eram praticamente as mesmas de seus antecessores. Nos tempos atuais, grandes incertezas devem ser resolvidas no casamento, na vida familiar e em outros contextos sociais. As pessoas cada vez mais devem “fazer” suas próprias vidas, mais do que no passado. Entre muitos grupos sociais, a criação de vínculos sexuais e maritais hoje depende principalmente da iniciativa e escolha do indivíduo, em vez de ser determinada pelos pais, embora isso não se aplique, é claro, a todas as culturas. Essa escolha individual pode ser vivenciada como liberdade, mas a responsabilidade de *ter* de escolher também pode impor suas próprias pressões.

A manutenção de uma perspectiva positiva na meia-idade assumiu uma importância fundamental nas sociedades modernas. A maioria das pessoas não espera fazer a mesma coisa durante toda a vida, como ocorria na maioria das culturas tradicionais. Indivíduos que passaram suas vidas inteiras em uma carreira talvez considerem insatisfatório o nível que alcançaram na meia-idade, sem outras oportunidades. Mulheres que passaram a idade adulta jovem cuidando da família e cujos filhos saíram de casa talvez se sintam sem nenhum valor social. O fenômeno da “crise de meia-idade” é bastante real para muitas pessoas de meia-idade. A pessoa talvez sinta que jogou fora as oportunidades que a vida tinha para oferecer, ou que nunca alcançará objetivos acalentados desde a infância. Ainda assim, o envelhecimento não precisa levar à resignação ou ao desespero; a liberação dos sonhos da infância pode ser libertadora.

A velhice

Nas sociedades tradicionais, os idosos geralmente eram tratados com muito respeito. Entre culturas divididas em classes etárias, a opinião dos idosos costumava ser bastante considerada – a última palavra – em questões importantes para a comunidade. Nas famílias, a autoridade de homens e mulheres aumentava com a idade. Nas sociedades industrializadas, em comparação, os idosos tendem a perder a autoridade na família e na comunidade social mais ampla. Depois de se aposentarem, podem ficar mais pobres do que antes. Ao mesmo tempo, há um aumento na proporção da população acima da idade de 65 anos, como veremos na próxima seção.